CADERNOS MACAMBIRA

ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v. 11, n. especial, 2026. https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2162.
Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

RELATO DE EXPERIÊNCIA / EXPERIENCE REPORT

QUANDO MUITAS RESIDEM EM UMA: ENCONTROS ENTRE MARGENS, CORREDEIRAS E AFETOS

WHEN MANY WOMEN RESIDE IN ONE: ENCOUNTERS BETWEEN SHORES, RAPIDS, AND AFFECTIONS

Diana Léia Alencar da Silva [1]

[1]Graduada em Pedagogia e Letras. Doutora em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador (UCSal), é docente no Afya Bahia Centro Universitário e integra o Grupo de Pesquisa Família, (Auto)Biografia e Poética (Fabep-UCSal). Autora correspondente: dianaleia.silva@ucsal.edu.br.

Recebido: 22/04/2026 - **Revisado**: 11/05/2026 - **Aceito**: 01/07/2026 - **Publicado**: 30/09/2026

RESUMO: Este relato apresenta uma narrativa poética que entrelaça identidade ribeirinha, memória e ancestralidade, revelando o amor como força que sustenta a vida. A voz de uma mulher percorre diferentes papéis, mostrando o amor como herança viva que educa, acolhe e transforma. Por meio da metáfora do rio, o texto expressa continuidade e renovação, evidenciando que o amor atravessa gerações e resiste às adversidades. Inspirado em valores de cuidado e fé, a narrativa afirma que tudo passa, mas o amor permanece, como corrente que une margens e mantém a existência em movimento constante e sentido profundo humano ao longo do tempo vivido.

Palavras-chave: Narrativa poética. Continuidade. Renovação.

ABSTRACT: This account presents a poetic narrative that intertwines riverside identity, memory, and ancestry, revealing love as a force that sustains life. The voice of a woman moves through different roles, portraying love as a living heritage that educates, embraces, and transforms. Through the metaphor of the river, the text expresses continuity and renewal, showing that love transcends generations and withstands adversity. Inspired by values of care and faith, the narrative affirms that everything passes, but love remains, like a current that connects shores and sustains existence in constant movement and deep human meaning over lived time.

Keywords: Poetic narrative. Continuity. Renewal.

O AMOR COMO ÁGUA QUE NUNCA CESSA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este relato, apresentado sob a forma de poema, prioriza o uso da linguagem poética como caminho sensível para dizer o que, muitas vezes, escapa às formas convencionais da escrita: o amor vivido, herdado e continuamente recriado. Orientado pelos fundamentos da Autoetnografia à Deriva descrita por Elaine Pedreira Rabinovich e Diana Léia Alencar da Silva (2025), busca não apenas narrar uma experiência, mas expressar, em imagens,

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

ritmos e símbolos, a travessia afetiva e existencial que a memória, a ancestralidade, a vocação e a fé, também presentes em escritos diversos da autora (Silva, 2024; 2025), parecem fomentar.

A voz poética, marcada pela identidade ribeirinha, inscreve o amor como origem e direção, comparando-o às águas de um rio que percorre gerações, contorna ausências e sustenta permanências. É, assim, que em cada lugar de sua existência, a autora, como filha, neta, mãe, avó, esposa e professora, revela o amor como herança viva e força que educa, acolhe, transforma e mantém unidas as margens da vida. É assim também que, ao recorrer às imagens do rio, da correnteza, da nascente e das margens, o poema cria um espaço onde o vivido se torna linguagem e a experiência se faz presença.

Inspirado no hino ao amor presente na Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios (1 Coríntios 13), especialmente na afirmação de que o amor “tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” e de que “o amor jamais acaba” (BÍBLIA, 1 Cor 13, 7-8), o texto sugere que, ainda que o tempo leve consigo gestos, vozes e certezas, há algo que resiste: uma corrente silenciosa e profunda que sustenta a existência. É, assim, que mais do que um relato, este poema, conforme apresentado a seguir, configura-se não somente como um gesto de permanência, mas como um modo de dizer que, entre perdas e renascimentos, é o amor que continua a fluir.

O AMOR NO QUE SOU: AS VÁRIAS MULHERES EM UMA RIBEIRINHA

Sou filha da beira, mulher ribeirinha,
gestada pelo amor em múltiplas travessias.
Ora navego contra a corrente, ora a favor do vento,
mas sempre guiada pelo Amor,
força maior que não se explica,
apenas se sente.

Sou neta, e nas histórias contadas à beira do fogo,
nas rezas ditas ao entardecer,
herdei das avós o sopro da fé,
o fio da esperança,

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052162, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2162 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

a firmeza de mulheres que sabiam
que o Amor é raiz que sustenta o tempo.

Sou filha, e o rio do Amor
me devolve as vozes das mulheres que me antecederam.
Elas, como corredeiras, me empurram adiante,
me lembram que o Amor nunca cessa,
mesmo quando o olhar engana
E o chão parece secar.

Sou mãe, e no colo onde embalo
mora a nascente do Amor.
Ali entendo que o Amor é paciência,
é bondade, é entrega que não se vangloria.
No riso das filhas vejo o reflexo do Amor,
em uma corrente que não se quebra.

Sou avó, e nos pés da minha neta que correm livres,
revejo ruas de chão batido de uma cidade ribeirinha,
vejo renascer as águas antigas.
Compreendo que a vida é herança de margens,
que a infância é rio aberto
onde o Amor se reinventa em cada geração.

Sou esposa, e nesse laço descubro
que o Amor é aprender a ser margem,
mas é também navegar junto.
É, assim, tenho o outro por porto,
mas que acolho também travessias
para ser cais e também maré.

Sou professora, mas não esqueço
que antes de ensinar preciso aprender.
E aprendo, dia após dia,

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052162, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2162 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

que sem Amor a língua dos homens e dos anjos
é apenas eco sem voz,
que transforma saberes em sombras.

O Amor é meu rio.
Ele corre, mesmo quando vejo a sua nascente.
É assim que aprendo que o Amor não é fogo que destrói,
mas chama que aquece;
não é orgulho que ergue muralhas,
mas corrente que une margens.

Certo, é, que o Amor nunca perece.
Certezas cessam, como canto ao entardecer,
Saberes passam, como folhas na maré.
Mas o Amor permanece,
Como rio que não conhece a secura,
mesmo quando a vida insiste em ser estiagem.

Por fim revelo: navego na certeza de um dia
contemplar o Amor em plenitude.
Assim, em mim, permanecem três:
a fé que me guia como estrela,
a esperança que me sustenta como remo,
e o Amor, rio maior e nascente sem fim,
onde, por fim, minhas águas repousarão.

O AMOR, COMO CORRENTE QUE PERMANECE PARA SUSTENTAR A VIDA: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar às margens finais destes escritos, que se revelam como um relato-poema, não se encontra um fim, mas um alargamento do rio. Porque o Amor, aqui tecido em palavras, não se encerra, mas parece continuar a correr, silencioso e profundo, para além daquilo que se pode dizer.

Como o poema revela, entre lembranças, vozes herdadas e gestos que atravessam o tempo, o amor é uma corrente que insiste e não se fixa: ele escorre

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052162, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2162 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

pelas frestas da vida, habita os vínculos, reaparece nas mãos que cuidam, nos passos que seguem, nos olhos que reconhecem no outro um lugar de pertença. É nele que a memória encontra morada e que a existência se refaz, mesmo quando as águas parecem rarear. É assim que as muitas que habitam uma só, identificadas no texto como filha, neta, mãe, avó, esposa, professora, não se sobrepõem, mas se entrelaçam como fios de um mesmo curso d'água. Cada uma carrega um modo de amar, e todas, juntas, compõem esse rio maior que sustenta, ensina e transforma. Um rio que não nega as pedras, mas as atravessa; que não teme as curvas, mas nelas se reinventa.

Desta forma, permanece o que não se vê por inteiro, mas se sente: o Amor como força mansa e indomável, como nascente que nunca se esgota. É, assim, que palavras, gestos e dias podem passar, mas algo segue, contínuo, ligando margens, refazendo caminhos, sustentando a vida. Porque, no fundo, é isso que este poema sussurra: há um rio que não seca. E nele, o Amor continua a fluir.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; SILVA, Diana Léia Alencar (Orgs.) **Teoria e Prática da Autoetnografia à Deriva**, Curitiba: CRV, 2025. DOI: https://doi.org/10.24824/978652518105.9

SILVA, Diana Léia Alencar; RABINOVICH, Elaine Pedreira. Legados das ribeirinhas do Velho Chico: autoetnografia de uma beiradeira. **Revista Ouricuri**, Brasil, v. 14, n. 1, p. 71–85, 2024. DOI: https://doi.org/10.59360/ouricuri.vol14.i1.a18420. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/ouricuri/article/view/18420. Acesso em: 29 abr. 2026.

SILVA, Diana Léia Alencar. Um jirau, um pilão e a educação: ancestralidade nos legados intergeracionais de mulheres do Velho Chico. 2025. 298 f. **Tese** (Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2025. Disponível em: https://ri.ucsal.br/handle/123456789/5807. Acesso em: 29 abr. 2026.